

---

# O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa)

ANTÓNIO M. MONGE SOARES\*

## R E S U M O

O monumento MV1 apresenta um aparelho ortostático de xisto, sendo constituído por uma câmara circular e um corredor relativamente longo. A sua função, pelo grupo que o construiu, terá sido apenas a de santuário, ao contrário do sucedido com outros monumentos similares, que apresentam um carácter sepulcral bem vincado. A sua construção e essa primeira utilização, tendo em conta o espólio que lhe está associado, será datável de um momento recuado do Calcolítico, eventualmente na transição do IV para o III milénio a.C. Posteriormente ao abandono do monumento pelo grupo responsável pela sua construção, parte da câmara serviu para local de enterramento de um indivíduo adulto, o qual era acompanhado de dádivas funerárias integráveis no denominado Horizonte de Ferradeira. A datação absoluta pelo radiocarbono de um fragmento craniano do esqueleto permitiu, pela primeira vez, uma atribuição cronológica precisa para os contextos similares integráveis naquele Horizonte. A calibração da data obtida (Beta-194027 3900±40 BP) leva a colocar os referidos contextos no terceiro quartel do III milénio a.C., isto é, na charneira entre o Calcolítico e a Idade do Bronze no Sul de Portugal.

## A B S T R A C T

The megalithic monument MV1 is a slender orthostatic monument built up with schist slabs, with a circular chamber and a relative long passage. Contrarily to monuments with similar structural features, that are collective tombs, MV1 did not exhibit a funerary character and, perhaps, it must be considered as a sanctuary. It contained some pottery, four retouched flint blades, one axe and one adze and a fragment of an engraved green schist idol-plaque. All these goods point to an early moment in the Chalcolithic, probably in the transition from the 4<sup>th</sup> to the 3<sup>rd</sup> millennium BC. After some centuries from its first use, an individual was buried in the chamber of the monument. The grave goods, including an undecorated beaker pottery vase and the burial itself point to the so-called Horizonte de Ferradeira. Radiocarbon dating by AMS of a small sample from the cranial bone gave the date Beta-194027 3900±40 BP, which after calibration put the funerary context in the third quarter of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, i.e. in the transition from the Chalcolithic to the Bronze Age of the Southern Portugal.

## 1. Introdução

O monumento Monte da Velha 1 (MV1) foi localizado, em 1974, conjuntamente com um outro monumento megalítico (MV2), este já objecto de estudo e publicação (Soares e Arnaud, 1984). Enquanto MV2 é um sepulcro de tipo dolménico, MV1 é um monumento de aparelho ortostático, com câmara circular e corredor relativamente longo. Distanciando, entre si, cerca de 750 m, situam-se ambos na freguesia de Vila Verde de Ficalho, concelho de Serpa, correspondendo a MV1 as seguintes coordenadas (Fig. 1): 37° 56' 55" N; 7° 20' 09" W Greenwich.

O monumento encontra-se implantado no topo de uma pequena colina com uma cota de 235 m, ladeada a oeste e a sul por um ribeiro, para onde descem as encostas bastante inclinadas. O mesmo acontece a leste, enquanto, a norte, a colina se prolonga por uma área aplanada de cota ligeiramente mais elevada (dois ou três metros). Toda a zona do Monte da Velha integra-se, geologicamente, nas formações Câmbrias ou Pré-Câmbrias (complexo cristalofílico constituído por rochas verdes e quartzo-feldspáticas), largamente representadas nesta região do Alentejo (Carvalho, 1968), encontrando-se, actualmente, coberta de oliveis e montados.

A escavação do monumento teve lugar em 1975. Após uma primeira limpeza das ervas existentes no terreno, que colocou a descoberto o topo de muitas das lajes constituintes de MV1, a forma do monumento tornou-se logo aparente — uma câmara circular com cerca de 3 m de diâmetro e um corredor algo curvo (Fig. 2), com uma direcção aproximada SW-NE.

Estabeleceram-se dois eixos ortogonais, um deles orientado segundo o corredor e cruzando-se no centro da câmara. A partir destes eixos marcou-se uma quadrícula de 1 m de lado. A escavação desenrolou-se dentro do monumento, isto é, na câmara e no corredor, os quais foram escavados, inicialmente, por camadas artificiais. Encontrando-se logo, a pouca profundidade, na metade sudeste da câmara, indícios de uma estrutura, que se viria a revelar como fazendo parte de um

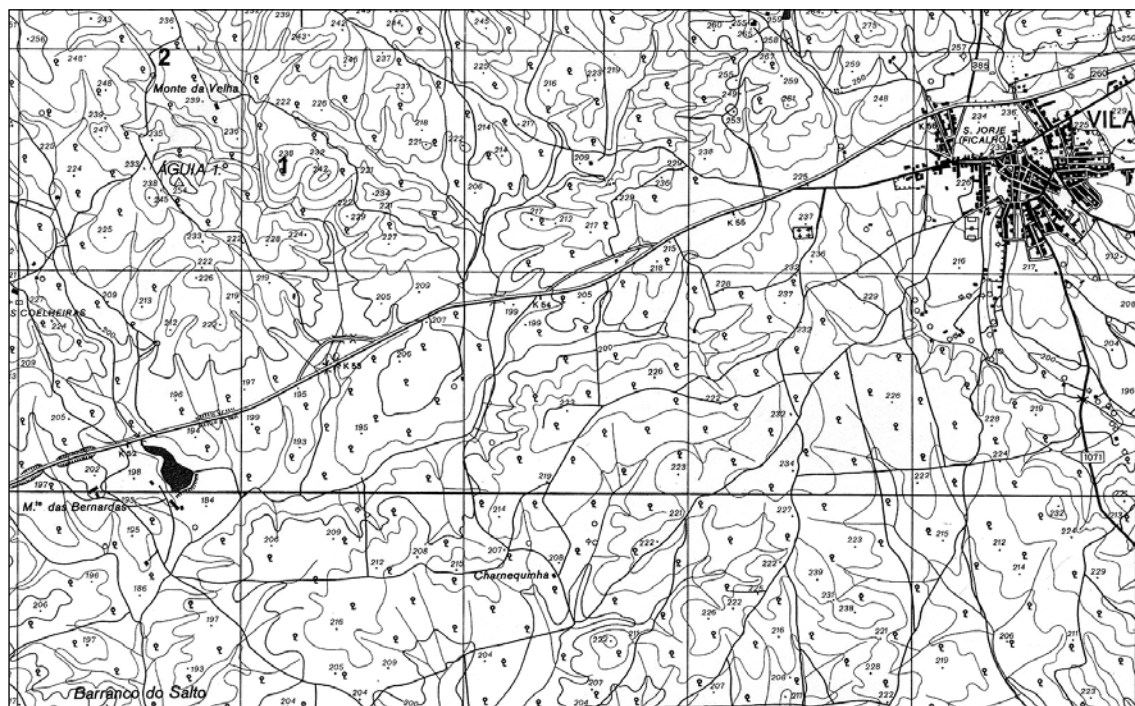


Fig. 1 Localização dos monumentos megalíticos MV1 (1) e MV2 (2) na Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25 000, Folha 534, Instituto Geográfico do Exército, 3.ª ed., 2000.

enterramento secundário, além de que, nessa área interior da câmara, existia também uma árvore (um zambujeiro — *Olea europaea sylvestris* — ver Fig. 2), optou-se por escavar, em primeiro lugar, essa metade sudeste até à rocha virgem e, posteriormente, o resto da câmara, tendo já em conta a estratigrafia revelada no perfil assim obtido. Tomou-se para ponto de cota relativa igual a zero o topo de um marco de propriedade que se encontrava próximo do monumento, tendo todas as estruturas e espólio encontrado sido referenciados e registados em relação aos eixos ortogonais e cotados em relação ao ponto 0 referido.

Por motivos diversos não foi possível, nessa fase de intervenção em MV1, investigar o presumível *tumulus* do monumento e acabar a escavação da porção terminal do corredor, o que só viria a acontecer em 1999/2000, não por mim, mas sim sob a orientação dos Drs. António J. M. Silva, primeiro, e Maria Duarte S. Gonçalves, depois, numa acção patrocinada pela Câmara Municipal de Serpa, integrada num Projecto de Salvaguarda e Valorização dos Monumentos MV1 e MV2 e da Necrópole do Bronze do Sudoeste do Talho do Chaparrinho (ver, no que se refere a esta necrópole, Soares, 1994). Amavelmente, disponibilizaram-me os registos a que procederam, e que, conjugados com os que elaborei aquando da escavação de 1975, serviram para completar algumas das observações e registos dessa altura, bem como algumas das figuras apresentadas neste trabalho.

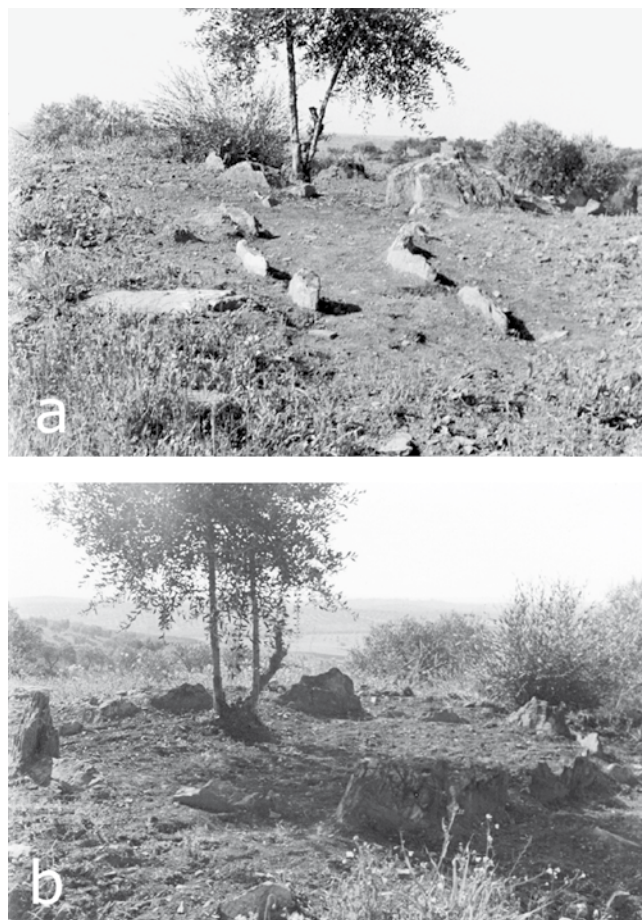


Fig. 2 Aspectos de MV1 após a limpeza do terreno. a – em primeiro plano, o corredor (visto de norte); b – a câmara circular, também vista de norte.

## 2. Descrição do monumento

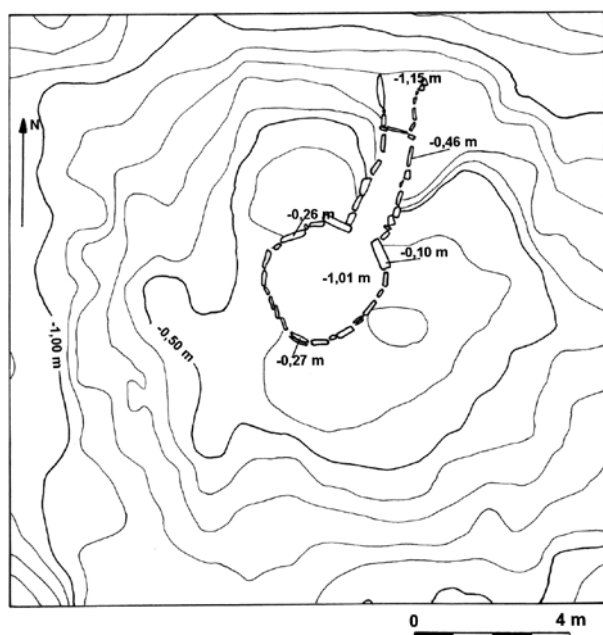
### 2.1. O *pseudo-tholos*

Trata-se de um monumento que, como já se referiu, apresenta câmara e corredor, ambos de tipo ortostático, podendo classificar-se como um *pseudo-tholos*, como se justificará em pormenor mais adiante. No local, a rocha virgem, uma rocha xistosa vermelho-esbranquiçada, muito fracturada, encontra-se quase à superfície e mesmo aflorante em algumas zonas. Aproveitando, provavelmente, uma rede de fracturas e aprofundando-as, foi implantada a câmara e o corredor (Figs. 3, 4 e 5), sendo o chão do monumento constituído pela rocha virgem aplanada.

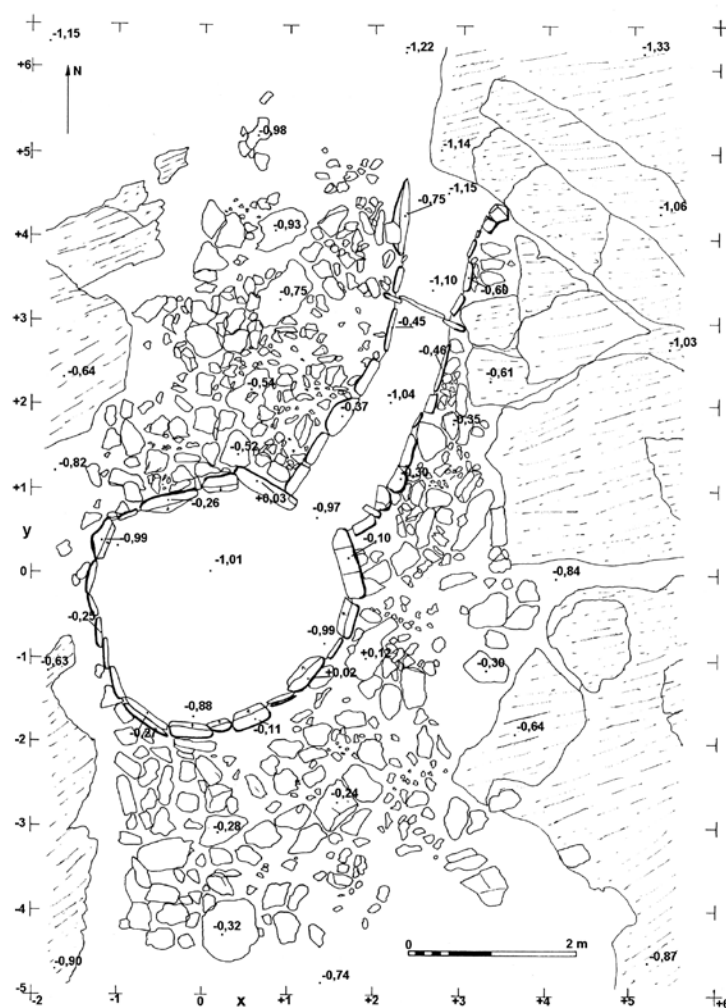
A câmara circular, com cerca de 3 m de diâmetro, é definida por 19 esteios de um xisto verde, por vezes, de tons azulados. A câmara apresenta uma entrada a nordeste, definida e flanqueada pelos seus dois maiores esteios que, dada a sua protuberância no espaço do corredor, parecem também ter servido de batentes a uma porta (de material perecível ?) que aí poderia ter existido.

O corredor, com um comprimento de cerca de 4,5 m, divide-se em dois troços — um mais longo, ligado directamente à câmara, e um outro, que se poderá considerar como átrio, separado





**Fig. 3** Levantamento topográfico do topo da colina, com inserção do monumento (com base no levantamento efectuado em 1999 por António J. M. Silva).



**Fig. 4** Planta final de MV1 (cotas em metros; a tracejado leve a rocha virgem). Baseada na sua maior parte – toda a área envolvente de MV1 – na planta levantada, em 1999, por António J. M. Silva.

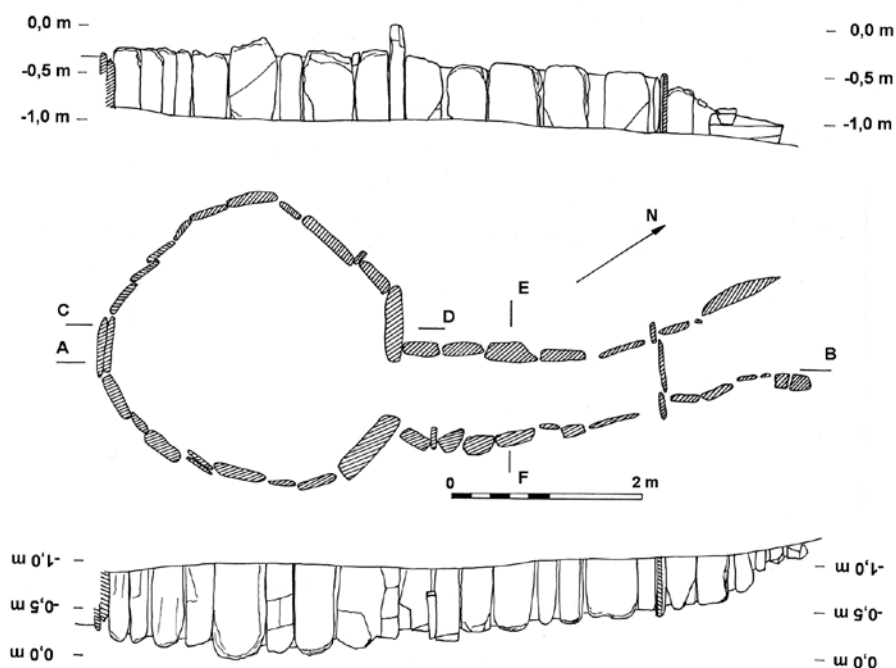


Fig. 5 Planta e alçados (segundo a linha AB) de MV1.



Fig. 6 a – porta do corredor, tal como foi encontrada, vista de norte (notem-se, em segundo plano, os batentes da mesma); b – a porta em posição vertical, no final da escavação, encostada aos batentes (o átrio em primeiro plano).

do primeiro por uma porta (de pedra) com dois batentes. A porta foi encontrada no átrio, ligeiramente inclinada para o exterior, tendo sido colocada na posição vertical, quando dos trabalhos de restauro e conservação do monumento (Fig. 6). Os esteios do corredor e do átrio, mais numerosos do lado este, são do mesmo tipo de xisto utilizado na construção da câmara; no entanto, o átrio termina por blocos de pedra de material idêntico à rocha virgem aflorante no local.

Deverá notar-se que o corredor, que se inicia, a partir da câmara, com uma orientação SW-NE, vai curvando espaçadamente para terminar num átrio que se abre a norte. Esta orientação do átrio deverá estar relacionada com o facto de que somente quem se aproximar do monumento vindo da zona aplanada, ligeiramente mais elevada, que lhe fica na vizinhança norte imediata, pode ter uma visão global de MV1. Sabendo-se do carácter também ritual deste tipo de monumentos, não será difícil de verificar ou imaginar que qualquer procissão que se aproximasse de MV1 o faria vinda do lado norte, pois só assim se lhe depararia a totalidade do monumento, mesmo a uma certa distância, abrindo-se à sua frente o átrio do mesmo.

Não foi encontrado qualquer vestígio da cobertura de MV1. O corredor encontrava-se preenchido praticamente só por terra, na qual dificilmente se distinguíam duas camadas — uma de maior espessura, com algum espólio arqueológico, sobreposta por uma camada superficial de revolvimento, com muitas raízes de ervas (Fig. 7b). Por seu lado, a câmara apresentava duas realidades distintas, que se podiam considerar separadas *grosso modo* pela linha CD representada na Fig. 5 — a metade sudeste, revolvida pelo enterramento secundário, já atrás referido e que se descreverá com desenvolvimento mais adiante, no ponto 2.2, e, actualmente, também pelas raízes de um zambujeiro; a metade noroeste, com uma estratigrafia relativamente simples e bem definida (Fig. 7a), constituída por três camadas, correspondendo a camada 1 à utilização primitiva do monumento, a 2, com muitos blocos e algumas pequenas lajes de xisto, ao seu abandono, e a 3 a uma camada de terra arável revolvida pelas lavours recentes. Se se observar a Fig. 4, verifica-se que não existem vestígios de um *tumulus* propriamente dito, nem de qualquer base de uma estrutura pétrea de falsa cúpula. O espaço entre os “aflorescimentos” de rocha virgem e a estrutura ortostática do monumento encontra-se preenchida por blocos pétreos dispostos caoticamente e a camada 2 da câmara, dada a sua pequena espessura e constituição, também não parece indiciar a existência primitiva de qualquer falsa cúpula em pedra. Tudo isto sugere, por conseguinte, que a ter sido este monumento coberto, essa cobertura terá sido de elementos perecíveis, provavelmente de origem vegetal (madeiras e ramos de árvores, por exemplo).

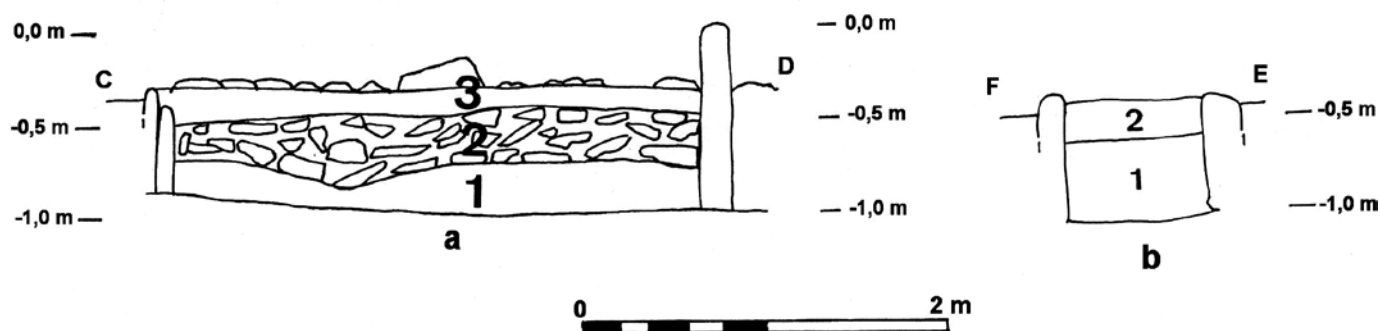


Fig. 7 a - estratigrafia da metade noroeste da câmara (ao longo da linha CD - ver Fig. 5): 1 - terra castanha, com espólio arqueológico, 2 - terra castanha, de cor ligeiramente mais escura, com muitas pedras de xisto, 3 - terra castanha, com muitas raízes de ervas; b - estratigrafia no corredor (ao longo da linha EF - Fig. 5): 1 - terra castanha com algum espólio (corresponde à camada 1 da metade noroeste da câmara), 2 - terra castanha, ligeiramente mais escura, com muitas raízes de ervas (corresponde à camada 3 da câmara).

### 2.1.1. Espólio

O espólio recolhido, atribuível à primeira ocupação do monumento e que a seguir se descreve, encontrava-se, na generalidade, muito fragmentado, tendo, no entanto, sido possível, em alguns casos, a reconstituição de alguns vasos de cerâmica (Fig. 8). O espólio em pedra encontra-se, por seu lado, todo ele, representado nas Figs. 9 e 10.

- MV1-4 - Taça carenada (Fig. 8). Superfícies avermelhadas e núcleo castanho. Pasta friável. E.n.p. de grão fino e médio. Muito fragmentada.
- MV1-5 - Possível copo, a que falta o bordo e o fundo (Fig. 8). Superfícies polidas castanhas, apresentando a externa algumas manchas negras; núcleo negro. E.n.p. de grão médio e grosseiro. Muito fragmentado.

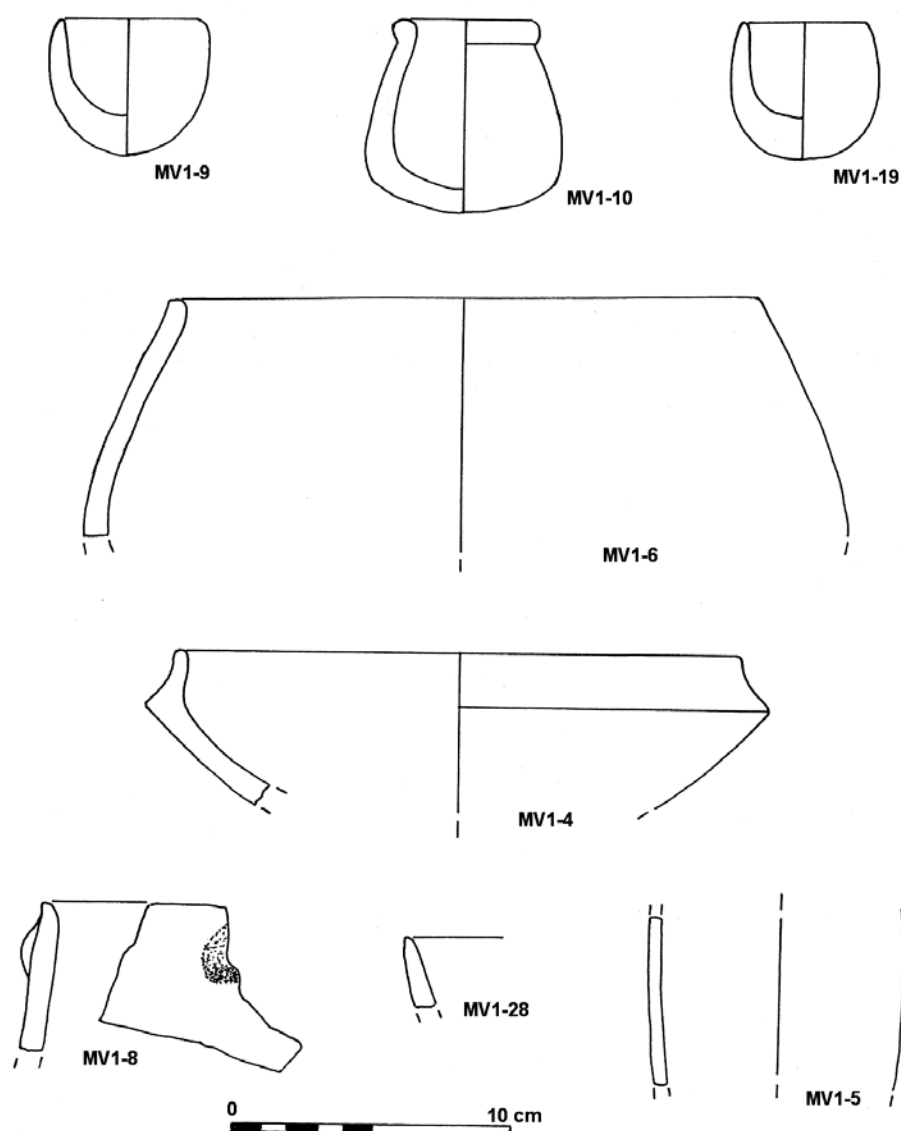


Fig. 8 Cerâmica da primeira ocupação de MV1.



- MV1-6 - Grande vaso esférico (Fig. 8). Superfícies castanho-avermelhadas e núcleo negro. E.n.p. abundantes de grão médio e grosseiro. Partido em dois fragmentos.
- MV1-7 - Fragmento de um mamilo oblongo (não desenhado). Superfície externa e pasta castanhas. Pasta friável. E.n.p. muito abundantes de grão grosseiro.
- MV1-8 - Bordo (Fig. 8). Superfícies castanhas e núcleo castanho-acinzentado. Mamilo junto ao bordo. E.n.p. abundantes de grão médio. Partido em dois fragmentos.
- MV1-9 - Pequeno vaso hemisférico, aberto, de paredes grossas (Fig. 8). Pasta friável castanho-avermelhada e superfícies da mesma cor, mas corroídas. E.n.p. raros.
- MV1-10 - Pequeno vaso a tender para o fechado e de bordo engrossado externamente (Fig. 8). Superfícies corroídas castanho-avermelhadas e núcleo castanho-escuro. Pasta muito friável. E.n.p. raros.
- MV1-11 - Fragmento de um vaso de superfícies castanhas, com algumas manchas negras, e núcleo cinzento (não desenhado). E.n.p. de grão médio. Espessura: 6 mm. Poderá pertencer ao vaso MV1-5.
- MV1-12 - Fragmento de um vaso de superfícies castanhas e núcleo cinzento-escuro (não desenhado). E.n.p. de grão médio. Espessura: 7 mm. Poderá, igualmente, pertencer ao vaso MV1-5.
- MV1-13 - Fragmento de um vaso de superfícies castanhas e núcleo castanho-acinzentado (não desenhado). E.n.p. abundantes de grão médio. Espessura: 10 mm. Deverá pertencer ao vaso MV1-8.
- MV1-14 - Três pequenos fragmentos de um vaso de superfícies castanhas e núcleo negro (não desenhado). E.n.p. de grão médio. Espessura: 6 mm.
- MV1-15 - Fragmento de um vaso de superfícies bem alisadas castanho-avermelhadas e núcleo negro (não desenhado). E.n.p. abundantes de grão médio e grosseiro. Espessura: 7-8 mm.
- MV1-16 - Dois fragmentos de um vaso de superfícies castanho-avermelhadas e núcleo negro (não desenhado). E.n.p. abundantes de grão médio e grosseiro. Espessura: 9 a 11 mm. Poderá pertencer ao vaso MV1-6.

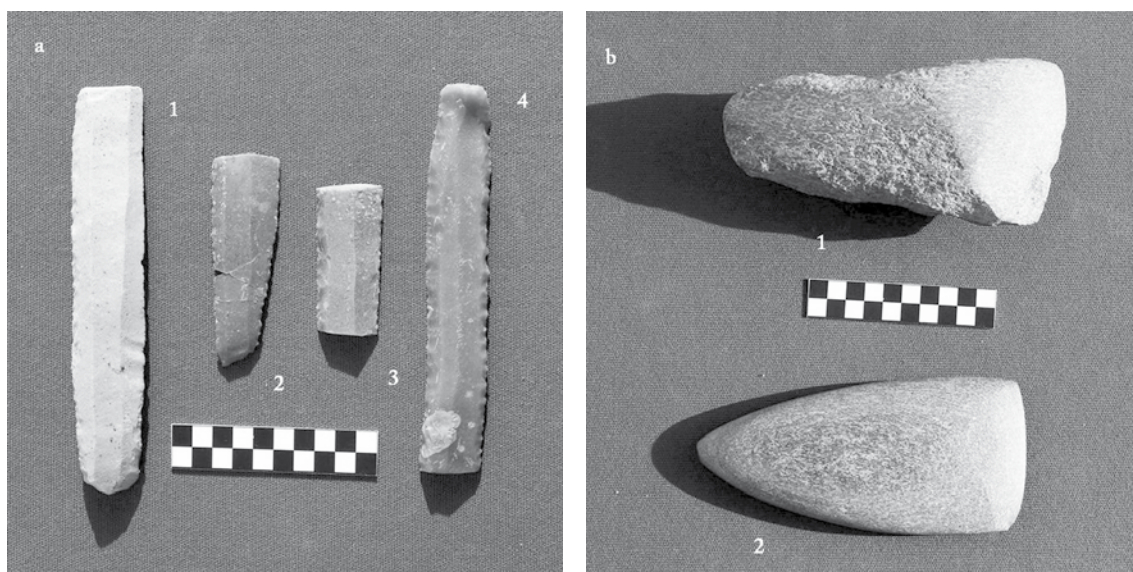


Fig. 9 Artefactos líticos da primeira ocupação de MV1.



- MV1-17 - Fragmento de um vaso de superfícies castanho-avermelhadas e núcleo negro (não desenhado). E.n.p. abundantes de grão médio e grosseiro. Espessura: 11 a 13 mm. Poderá, igualmente, pertencer ao vaso MV1-6.
- MV1-18 - Fragmento de um vaso de superfícies castanho-avermelhadas e núcleo negro (não desenhado). E.n.p. abundantes de grão médio e grosseiro. Espessura: 11 a 12 mm. Poderá, também, pertencer ao vaso MV1-6.
- MV1-19 - Pequeno vaso hemisférico, aberto, de paredes grossas (Fig. 8). Pasta muito friável castanha-avermelhada e superfícies da mesma cor. E.n.p. raros.
- MV1-28 - Bordo (Fig. 8). Superfícies e núcleo castanho-avermelhados. Pasta muito friável. E.n.p. de grão fino.
- MV1-29 - Fragmento de um vaso de superfícies e núcleo castanhos (não desenhado). E.n.p. muito abundantes de grão grosseiro. Espessura: 13 mm. Poderá pertencer ao vaso MV1-7.
- MV1-22 - Lâmina de sílex castanho (Fig. 9-a4). Secção trapezoidal, retocada ao longo dos bordos.
- MV1-23 - Fragmento mesial de lâmina de sílex castanho-acinzentado (Fig. 9-a3). Secção trapezoidal, retocada ao longo de um dos bordos.
- MV1-24 - Lâmina de calcário silicificado de cor creme clara (Fig. 9-a1). Secção trapezoidal, retocada ao longo de um dos bordos e na extremidade distal.
- MV1-25 - Fragmento distal de lâmina de sílex cinzento (Fig. 9-a2). Secção trapezoidal, com alguns retoques ao longo dos bordos.
- MV1-20 - Machado de anfibolito, de secção rectangular, muito bem polido no gume e em parte das superfícies anterior e posterior; simplesmente afeiçãoado nas superfícies laterais e no talão (Fig. 9-b1). Sem vestígios de uso.
- MV1-21 - Enxó de anfibolito totalmente polida (Fig. 9-b2). Sem quaisquer vestígios de uso.
- MV1-26 - Fragmento de placa de xisto verde (Fig. 10). Decorada nas duas faces com zig-zagues horizontais e verticais.

A distribuição no espaço do monumento do espólio atrás descrito, o qual se poderá atribuir à primeira ocupação de MV1, encontra-se registada na Fig. 11. Todo ele se posiciona nas camadas 1 da câmara e do corredor, com excepção dos fragmentos cerâmicos MV1-15 e MV1-18 e da lâmina de sílex MV1-24, os quais se encontravam na área do enterramento secundário, onde também cresceu o zambujeiro. Terão sido estes revolvimentos que provocaram o posicionamento em cotas altas de MV1-18 e de MV1-24. Por outro lado, deverá notar-se que existiam fragmentos de um mesmo vaso em posições diversas. É o caso do vaso MV1-4, cujos fragmentos surgiram em dois locais da câmara



Fig. 10 Fragmento de placa de xisto, de cor verde, muito pouco duro, com decoração nas duas faces.



Fig. 11 Distribuição em planta e em alçado do espólio correspondente à primeira ocupação do monumento.

e num do corredor e, também provavelmente, do vaso MV1-6 em quatro locais da câmara, do vaso MV1-5 em três ou, ainda, do vaso MV1-7 com fragmentos em dois locais diferentes. Contrariamente a esta dispersão e fragmentação da cerâmica, indiciadora dos revolvimentos havidos, o vaso MV1-10 deveria encontrar-se na sua posição primitiva, assente no chão da entrada da câmara, encostado ao esteio este dessa entrada. O mesmo acontecia com os únicos instrumentos de pedra polida encontrados, o machado MV1-20 e a enxó MV1-21, os quais estavam posicionados no chão da câmara, a 5 cm um do outro.

## 2.2. O enterramento secundário

Na Fig. 12 encontra-se representado o enterramento secundário e as estruturas que o acompanhavam. No interior da câmara de MV1, a cerca de um metro da entrada, logo no início da escavação daquela, surgiram a pouca profundidade duas lajes rectangulares de xisto. Encontravam-se encostadas pelo topo uma à outra, à cota de -0,40 m, assentes em terra, a cerca de 20 cm do chão da câmara e afastadas entre si, na base, cerca de 40 cm. As lajes, com uma espessura irregular (entre os 3 e os 10 cm), formavam, por conseguinte, um ângulo agudo e o espaço por elas delimitado orientava-se, no seu maior comprimento, segundo a direcção N-S. Esta estrutura protegia (isto é, encontrava-se entre as duas lajes) um conjunto cerâmico constituído (Fig. 13) pelo vaso MV1-1, que continha o vaso MV1-2, o qual por sua vez tinha, entre o seu enchimento, vários fragmentos (os únicos encontrados) do vaso MV1-3.

A sul desta estrutura, a cerca de meio metro, encontrava-se uma laje colocada de cutelo, assente simplesmente, sem qualquer apoio lateral, no solo da câmara e com o topo sensivelmente à mesma cota do topo da estrutura precedente. Entre essa laje e a estrutura referida, mas na vizinhança imediata desta, ao nível do solo da câmara, encontravam-se os fragmentos do crânio

(área A, na Fig. 12), enquanto outros fragmentos ósseos do esqueleto se posicionavam espalhados (área B) até aos esteios da câmara, entre as cotas -0,80 m e -1,00 m, tendo alguns sido referenciados mesmo por debaixo dos vasos cerâmicos e, por conseguinte, por debaixo da estrutura das duas lajes.

De qualquer modo, o esqueleto, além de muito fragmentado, não parecia estar completo, não se encontrando os ossos em posição anatómica. Tratar-se-ia, antes, de um aglomerado de ossos em que, no entanto, era possível isolar os fragmentos cranianos, que se posicionavam junto aos outros, mas sem se misturarem com eles.

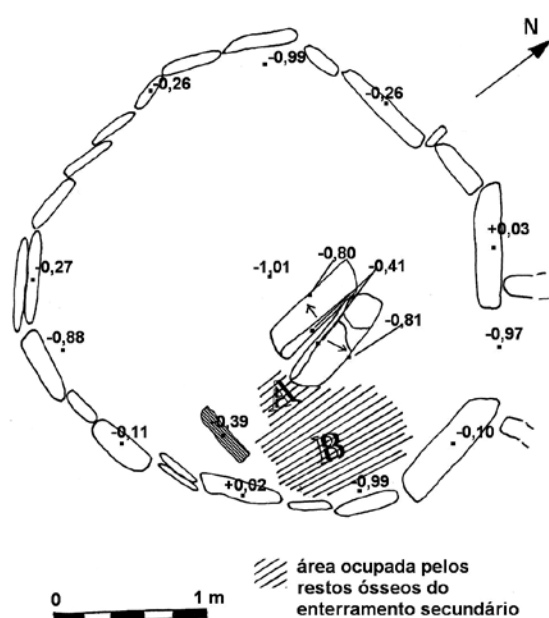
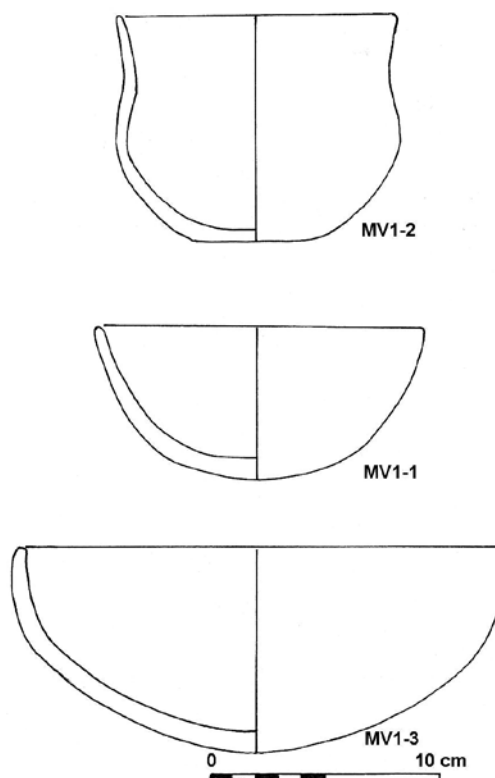


Fig. 12 O enterro secundário em MV1. A zona onde se encontraram os restos ósseos encontra-se representada a tracejado largo: A - área, à cota de -1,00 m, com fragmentos do crânio; B - região, entre as cotas de -0,80 m e -1,00 m, com fragmentos de ossos longos. As duas lajes inclinadas, próximo do centro da câmara, protegiam as dádivas funerárias, em cerâmica. A tracejado fino, a laje de xisto vertical, assente no chão da câmara e que parecia delimitar, a sul, o enterro secundário.

### 2.2.1. Espólio (Fig. 13)

- MV1-1 - Taça hemisférica. Pasta castanho-avermelhada, com manchas escuras na superfície externa. Superfícies polidas. E.n.p. de grão médio. Várias fracturas, embora se encontre praticamente completa.
- MV1-2 - Vaso campaniforme liso. Superfícies castanhas com algumas manchas escuras. Núcleo mais escuro. Superfícies polidas. E.n.p. abundantes de grão fino. Fractura antiga, faltando um fragmento do bordo. Encontrava-se, assente pelo fundo, dentro de MV1-1.
- MV1-3 - Taça hemisférica. Pasta castanho-avermelhada. Superfícies polidas. E.n.p. de grão fino. Muito fragmentada. Os fragmentos constituem um pouco menos de metade do vaso, mas permitem a sua reconstituição total. Os fragmentos encontravam-se dentro de MV1-2.

Fig. 13 Dádivas funerárias da inumação. O vaso MV1-1 continha o vaso MV1-2, que, por sua vez, tinha, no seu interior, os fragmentos recuperados de MV1-3.



### 3. Integração cronológico-cultural

Perante o atrás descrito, quer no referente à arquitectura, quer ao espólio do monumento em estudo, poderia afirmar-se, em primeira aproximação, que se trataria de um *tholos*. No entanto, segundo Victor Gonçalves (1992), entende-se por um *tholos* “um monumento **funerário**, normalmente destinado a enterramento colectivo, geralmente composto por câmara e corredor, sendo a primeira construída segundo o **sistema de falsa cúpula**” (p. 237). Os *tholoi* são, por outro lado, “monumentos muito diferentes entre si, tanto em termos morfológicos como, muito possivelmente, cronológicos. Basicamente, **todos têm uma cobertura de falsa cúpula**, de onde, por vezes, serem referidos como «**monumentos de falsa cúpula**»” (Gonçalves, 1995, p. 271). Existem, por conseguinte, duas características básicas dos *tholoi* que não se encontram presentes no registo arqueológico de MV1 — o sistema de falsa cúpula e a evidência do destino funerário do monumento por quem o construiu.

Embora o conteúdo de MV1 se encontrasse revolido pelo enterramento secundário que nele teve lugar e, talvez, até por revolvimentos anteriores (que poderão ser uma explicação para o estado de fragmentação da cerâmica nas zonas do monumento aparentemente não revolvidas pelos autores do enterramento secundário, como sejam o corredor e a metade noroeste da câmara), esse revolvimento não justifica a ausência de quaisquer restos ósseos humanos. No monumento MV2, anterior ou contemporâneo deste, foi possível observar e isolar os diversos enterramentos que nele tiveram lugar (Soares & Arnaud, 1984). MV2 encontra-se implantado em terrenos xistosos, ácidos, do mesmo tipo ou similares, para não dizer idênticos, aos terrenos onde se implanta MV1. Do enterramento secundário de MV1 foi possível recuperar diversos fragmentos ósseos identificáveis (Silva, Ferreira & Cunha, 2008) e mesmo datar por radiocarbono um fragmento da calote craniana, uma vez que nos seus fragmentos se tinham conservado aminoácidos (colagénio) suficientes para este tipo de análise. Não é crível, por conseguinte, que se MV1 tivesse sido, alguma vez, utilizado como câmara funerária pelos seus construtores, dessa utilização não tivessem restado quaisquer vestígios, isto é, quaisquer restos ósseos.

Quanto ao sistema de construção, também não foi encontrada qualquer evidência, quer no interior da câmara, quer no seu exterior, da existência de uma falsa cúpula. O monumento, a ter sido coberto, tê-lo-ia sido com materiais perecíveis — de origem vegetal, porventura — de que não restaram quaisquer vestígios. Também quaisquer vestígios do *tumulus* eram inexistentes (ver Fig. 4).

Se a integração de MV1 no mundo megalítico e, mais especificamente, no mundo dos *tholoi*, encarados aqui estes como expressão de vivências e de rituais de uma determinada época, não parece oferecer dúvidas, faltam-lhe, contudo, características básicas destes últimos monumentos, pelo que se prefere denominá-lo de pseudo-*tholos*.

Deverá, por outro lado, notar-se que existem, por vezes, particularidades regionais nos monumentos megalíticos, eventualmente causadas pelo tipo de material utilizado na sua construção, que os podem tornar únicos no registo arqueológico. Bastará, aqui, lembrar que MV2, encontrado com a câmara intacta quando o escavámos, não tinha, nem nunca terá tido qualquer “chapéu”, como é de norma, mas apresentava sim uma pedra volumosa de xisto a cobrir apenas a parte central da câmara, sendo o restante espaço entre esta pedra e os esteios da câmara, também de xisto, preenchido por pequenas lajes do mesmo material, imbricadas umas nas outras (Soares & Arnaud, 1984). O caso de MV1 não se pode considerar paralelo ao de MV2, uma vez que o material utilizado na construção de MV1 é o mesmo ou similar ao que é normalmente usado nos *tholoi* de aparelho ortostático. Uma explicação para o observado em MV1 poderá residir no significado de ordem ritual a atribuir a este monumento. Segundo alguns investigadores os *tholoi* poderão ter



tido como primeira função não a de necrópole, mas a de santuário. É o que terá acontecido, por exemplo, com o *tholos* de Paimogo, em que a existência de um altar e a riqueza do mobiliário encontrado, designadamente de objectos votivos, aponta nessa direcção (Gallay & al., 1973). Em MV1, se a maior parte dos artefactos encontrados se apresentavam fragmentados e até alguns fragmentos do mesmo artefacto posicionados em locais diversos do monumento, havia, no entanto, outros, como a enxó e o machado e o pequeno vaso MV1-10, que se encontrariam *in situ* no chão da câmara, pelo que não será descabido atribuir-lhes um carácter de deposição votiva não associada a qualquer inumação, que, aliás, era inexistente. Por tudo isto — deposição votiva de artefactos, ausência de falsa cúpula, ausência de *tumulus* — não será despropositado supor que MV1 terá tido apenas uma função de santuário. A orientação do átrio, abrindo-se para norte, como já atrás foi referido, quando da descrição do monumento, parece também corroborar esta interpretação.

Diversos *tholoi*, de aparelho ortostático muito semelhantes a MV1, existem no Alentejo, alguns deles já estudados e publicados. São os casos, por exemplo, do *tholos* do Monte das Pereiras (Serralheiro & Andrade, 1961), que apresenta uma câmara circular e um corredor também dividido em dois sectores, o do Malha Ferro (Viana, Andrade & Ferreira, 1960), o da Amendoeira Nova (Viana & al., 1959) ou do Monte do Outeiro (Viana, Ferreira & Andrade, 1961), embora neste as lajes laterais não funcionem como esteios, mas sim como revestimento parietal da câmara. Outros *tholoi* existem no Alentejo, publicados ou não (como é o caso dos de Barrancos — ver Zbyszewski & Ferreira, 1967), sendo de ressaltar o seu polimorfismo: aparelho ortostático ou de pedra vã, falsa cúpula a partir da base ou do cimo dos esteios, lajes da câmara a funcionarem como esteios ou apenas como revestimento parietal, câmara com divisórias internas, câmaras com nichos, etc. É possível que este polimorfismo tenha uma correspondência cronológica, embora globalmente se possa dizer que os *tholoi* “correspondem ao mundo específico dos prospectores e metalurgistas do cobre” (Gonçalves, 1999, p. 14), o que em termos de cronologia absoluta englobaria o final do IV milénio e todo o III milénio a.C. (Gonçalves, 1999, p. 14).

A maior parte das escavações dos *tholoi* foi efectuada em meados do século XX, por vezes com metodologias não muito adequadas, o que torna de interpretação algo difícil muito dos dados publicados. Além disso, as datações absolutas de contextos registados em *tholoi* são também em muito pequeno número. Um tratamento estatístico dessas datas, de pouco significado dado o seu número (apenas seis), além de que duas são muito provavelmente anómalas (a do *tholos* de A dos Tassos Sa-199 3320±200 BP, bem como a do *tholos* da Praia das Maças H-2048/1458 3650±60 BP), colocam a cronologia destes monumentos entre 2800 e 2000 cal BC (probabilidade 50%) ou entre 2880 e 1850 cal BC (1σ) ou entre 3050 e 1300 cal BC (2σ) (Soares, 1999). Por outro lado, o *tholos* da Farisoa foi datado pela Termoluminescência, obtendo-se o valor OxTL-169j 2675±270 a.C. (Whittle & Arnaud, 1975), inteiramente compatível com os intervalos atrás referidos ou com as três datas obtidas para o *tholos* de aparelho ortostático OP2b (Gonçalves, 1995): ICEN-956 4180±80 BP; ICEN-955 4290±100 BP; ICEN-957 4130±60 BP. De igual modo, o Calcolítico do Sul de Portugal deverá situar-se, com base em 37 datas de radiocarbono de contextos calcolíticos dessa região, entre 3039 e 2610 cal BC (prob. 50%) ou entre 3362 e 2156 cal BC (2σ) (Soares & Cabral, 1993). Parece, pois, correcta a atribuição do início da utilização de *tholoi* ao final do IV milénio a.C., prolongando-se a construção e uso destes monumentos, pelo menos, pela primeira metade do III milénio a.C.

O espólio que foi considerado como pertencente à primeira ocupação de MV1 não continha quaisquer materiais orgânicos susceptíveis de datação pelo radiocarbono. No entanto, a cerâmica e o material lítico poderão fornecer algumas indicações sobre o seu posicionamento cronológico

dentro do Calcolítico. A taça carenada MV1-4, o vaso MV1-8 com mamilo junto ao bordo e o possível copo MV1-5 parecem apontar para um momento recuado dentro do Calcolítico do Sul. Por outro lado, o fragmento de placa MV1-26, em xisto verde e com uma decoração invulgar, poderia ser indicativa, pelo contrário, de um momento avançado dentro do Calcolítico, uma vez que o material e a decoração utilizada indicariam uma degenerescência na decoração destes artefactos ideotécnicos, possivelmente correlativa de uma fase terminal do seu uso. Na região de Reguengos de Monsaraz, segundo Georg e Vera Leisner (Leisner & Leisner, 1951, p. 115), as placas de xisto verde, que são muito raras, apresentam também ornamentações menos vulgares, tendo sido encontradas na Anta 1 do Cebolinho, na Anta 1 do Passo e na Anta Grande do Olival da Pega, onde predominavam, em larga maioria, as placas vulgares de xisto azul ou azul-acinzentado. A muito provável larga diacronia dos enterramentos nestas antas não permitem a atribuição de uma cronologia fina segura para este tipo de placas de xisto verde. Por outro lado, os zigzagues gravados na placa de MV1 têm paralelos relativamente próximos na decoração realizada por finas incisões e/ou por pintura em alguns dos esteios do monumento de falsa cúpula de Granja de Toniñuelo (Badajoz), datável de um período compreendido entre o Neolítico Final/Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno (Bueno Ramírez & Balbín Behrmann, 1997). Deste modo, não será descabido atribuir uma data recuada, dentro do Calcolítico, para a construção e primeira fase de utilização de MV1, data essa que poderá ser na transição do IV para o III milénio a.C. A ser assim, MV1 será contemporâneo ou um pouco anterior à segunda fase de enterramentos de MV2, que se caracterizam por lhes estar associadas placas de xisto reaproveitadas, entre elas uma com olhos gravados em forma de sol (Soares & Arnaud, 1984).

Após esta primeira fase de utilização (como santuário?) de MV1, algumas centenas de anos mais tarde, a câmara de MV1 serviu de local para um enterramento com características que o permitem integrar no denominado Horizonte de Ferradeira (Schubart, 1971). O Horizonte de Ferradeira, segundo Schubart, corresponderia ao Eneolítico final ou aos primeiros momentos da Idade do Bronze no Sudoeste peninsular (mais especificamente, no Baixo Alentejo e no Algarve). Nessa época, teriam surgido, pela primeira vez, após os sepulcros colectivos do mundo megalítico, os enterramentos em sepulturas individuais, construídas para o efeito, ou em reaproveitamentos, para inumações individuais, de sepulcros colectivos anteriores. As dádivas funerárias consistiam em vasos cerâmicos campaniformes lisos associados a outras formas cerâmicas, designadamente taças hemisféricas, e a pontas de seta tipo Palmela, punhais de cobre com ponta de encabamento em forma de lingueta, braçais de arqueiro e botões de osso com perfuração em V. Deverá notar-se que, quando Schubart definiu o Horizonte de Ferradeira, a cerâmica campaniforme era praticamente desconhecida no Baixo Alentejo e no Algarve (conhecia-se, apenas, um fragmento de uma taça tipo Palmela, proveniente do povoado de Mangancha, Aljustrel), bem como “não se conhecem [conheciam] nessas regiões povoados elevados, da Idade do Cobre ou do Bronze” (Schubart, 1971, pp. 7-8). O panorama é, hoje, totalmente diferente — têm sido identificados, em grande número, povoados calcolíticos e a cerâmica campaniforme decorada encontra-se representada em muitos deles, por vezes, como no povoado de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), em quantidades aparentemente superiores às existentes nos povoados das penínsulas de Lisboa ou de Setúbal (Arnaud, 1993). A data obtida para a ocupação de Porto Torrão (ICEN-60/61 4220±45 BP), estatisticamente idêntica a outras obtidas para o Zambujal (GrN-7009 4200±40 BP) e para Leceia (Sac-1317 4220±50 BP) (Cardoso & Soares, 1990-1992), indicia uma grande antiguidade desta cerâmica dentro do Calcolítico, e mesmo no Alentejo, precisamente numa das regiões onde seria aplicável o conceito de Horizonte de Ferradeira. Todos estes dados colocam em causa os pressupostos que estão por detrás da “criação” desse Horizonte. No entanto, os contextos atribuíveis ao Horizonte de Ferra-

deira não deixam de ter uma certa especificidade e coloca-se o problema quer da sua cronologia absoluta, quer da sua filiação cultural precisa, isto é, se serão atribuíveis ao Calcolítico ou ao Bronze Inicial ou se estarão na charneira entre essas duas épocas.

O enterramento secundário em MV1 seria o de um indivíduo adulto, com mais de 35/40 anos, não lhe tendo sido detectadas, nos poucos restos ósseos recuperados, quaisquer alterações patológicas (Silva, Ferreira & Cunha, 2008). O posicionamento desses restos ósseos, nomeadamente a dimensão da área por eles ocupada, encontrando-se mesmo alguns por debaixo das dádivas cerâmicas e da estrutura pétrea que as protegia, bem como o estado de fragmentação em que se encontravam, tudo sugere que não se trataria de uma inumação primária, mas sim de uma segunda inumação. No mesmo sentido poderão apontar as fracturas antigas de MV1-2 e o estado de fragmentação de MV1-3, cujos restos se encontravam no interior de MV1-2. Esses vasos, conjuntamente com MV1-1, poderão ter acompanhado a eventual inumação primária e daí a fragmentação verificada.

A disposição dos dois vasos, em posição vertical, encaixados um no outro (MV1-2 encaixado em MV1-1) e os restos de MV1-3 dentro de MV1-2, tem paralelos muito próximos em sepulturas megalíticas peninsulares, designadamente numa das grutas artificiais de São Pedro do Estoril (Leisner, Paço & Ribeiro, 1964) e na Anta 1 das Casas do Canal, Estremoz (Leisner & Leisner, 1955). Na gruta 1 de São Pedro do Estoril, “o achado mais importante constou de três vasos em posição vertical encaixados uns nos outros: um grande vaso semiesférico baixo, um vaso campaniforme que ocupava o lugar médio e, dentro daquele, um vaso liso hemisférico” (Leisner, Paço & Ribeiro, 1964, p. 64). No entanto, o vaso campaniforme referido é uma “caçoila, de perfil suave”, decorada a matriz pontilhada, bastante diferente, por conseguinte, do vaso campaniforme liso que ocupava a posição intermédia em MV1. Na Anta 1 das Casas do Canal, embora as dádivas cerâmicas se encontrassem muito fragmentadas pelos revolvimentos ocorridos no monumento, foi possível verificar que um vaso campaniforme liso teria sido colocado encaixado numa caçoila campaniforme com decoração incisa, filiável no complexo Ciempozuelos. É interessante observar que neste sector do monumento, onde se encontrava o conjunto cerâmico em causa, “no lado da câmara estavam, encostadas contra a laje da porta, duas lajes de xisto bastante fracas e de pouco comprimento” (Leisner & Leisner, 1955, p. 6), o que sugere a existência de uma estrutura em xisto, porventura similar à que protegia os vasos de MV1.

Quanto à forma do vaso campaniforme liso do enterramento secundário de MV1, tal como para as outras formas do conjunto cerâmico onde se integrava, paralelos muito estreitos (formas cerâmicas praticamente idênticas) encontram-se nas dádivas da segunda fase de inumações no *tholos* do Monte do Outeiro, as quais são típicas do Horizonte de Ferradeira (Schubart, 1965, 1971).

Até hoje, desconheciam-se datas absolutas para os contextos integráveis no denominado Horizonte de Ferradeira. Foi, agora, possível, dada a boa conservação dos fragmentos ósseos da calote craniana do indivíduo inumado em MV1 (o que, curiosamente, já não acontece com os restos dos ossos longos recuperados), datar pela primeira vez, pelo radiocarbono, um destes contextos. A data obtida

Beta-194027      3900±40 BP      ( $\delta^{13}\text{C} = -19,4 \text{ ‰}$ )

quando calibrada, fazendo uso do programa CALIB Rev 5.0.1 (Stuiver & Reimer, 1993) e da curva INTCAL04 (Reimer & al., 2004), conduz aos seguintes intervalos, com as seguintes distribuições de probabilidade (entre parênteses):

para 1 $\sigma$ : 2465 - 2343 cal BC (1, )

para 2 $\sigma$ : 2479 - 2280 cal BC (0,97096); 2250 - 2230 cal BC (0,021764); 2219 - 2211 cal BC (0,007276)

Esta datação permite situar o enterramento do Horizonte de Ferradeira de MV1 no terceiro quartel do III milénio a.C.

Datas estatisticamente não diferenciáveis desta são as obtidas para alguns contextos campaniformes da península de Lisboa (Cardoso & Soares, 1990-1992):

Casa 2 da Penha Verde	ICEN-1275	4000 $\pm$ 50 BP
Casa EN de Leceia	ICEN-1241	3950 $\pm$ 90 BP
Sep. 2 de Verdelha dos Ruivos	GrN-10971	3960 $\pm$ 40 BP
Sep. 4 de Verdelha dos Ruivos	GrN-10973	4000 $\pm$ 35 BP
Sep. indeterminada de Verdelha dos Ruivos	ICEN-1242	3940 $\pm$ 45 BP

De igual modo, as datas de radiocarbono obtidas a partir de ossos humanos da “deposição «familiar» na Câmara” da Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos, correspondentes à Fase 4 da utilização deste monumento (Gonçalves, 2003a), são também estatisticamente idênticas a Beta-194027:

Beta-176899	3900 $\pm$ 40 BP
Beta-177471	3840 $\pm$ 40 BP

Infelizmente, desconhece-se o conjunto de artefactos que acompanharia estes enterramentos, uma vez que na publicação que se lhes refere, o mesmo não é descrito e as figuras onde estaria representado, com certeza por lapso, não foram publicadas (ver Gonçalves, 2003a, p. 157).

Deverá notar-se que, como já referido, o Calcolítico do Sul de Portugal se situará entre 3039 e 2610 cal BC (para uma probabilidade de 50%) ou entre 3362 e 2156 cal BC (para uma probabilidade de 95,4%) (Soares & Cabral, 1993), o que, em princípio, levaria a atribuir todos os contextos atrás mencionados, incluindo o do enterramento secundário de MV1, a este período cultural.

Por outro lado, o único contexto datado pelo radiocarbono com uma atribuição provável ao Bronze Inicial do Sudoeste, a estrutura 1 do Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-1989), terá uma cronologia situada dentro do último quartel do III milénio a.C. (ICEN-529 3760 $\pm$ 100 BP, que calibrada — CALIB Rev 5.0.1 — conduz aos intervalos: para 1 $\sigma$  2330-2030 cal BC; para 2 $\sigma$  2470-1930 cal BC). Outras datas, estatisticamente não diferenciáveis desta do Monte Novo dos Albardeiros, são as obtidas para a última reutilização funerária da Anta 3 de Santa Margarida (Gonçalves, 2003b):

Beta-166418	3780 $\pm$ 40 BP
Beta-166417	3770 $\pm$ 40 BP
Beta-166420	3720 $\pm$ 50 BP
Beta-166421	3730 $\pm$ 40 BP

Uma outra data estatisticamente idêntica a estas, recentemente publicada (Schubart & al., 2004, p. 83), referente ao início da ocupação da ladeira sul de Fuente Álamo, coloca o início da Cultura de El Argar — El Argar A1 (Schubart, 2000) — também no último quartel do III milénio a.C.:



Blm-4772 3738±39 BP, que calibrada, conduz aos intervalos 2201-2045 cal BC, para 1 $\sigma$ , ou 2282-2029 cal BC, para 2 $\sigma$ .

Todos estes dados de cronologia absoluta são, no entanto, em número ainda muito escasso para indiciarem com segurança uma atribuição cultural precisa (em termos clássicos de Calcolítico ou de Bronze Inicial) para o denominado Horizonte de Ferradeira. Este Horizonte, admitindo a sua validade, integra-se, antes, numa realidade que, como escreve Victor Gonçalves (2003b, p. 220), “tem que ver com um dos contextos pior conhecidos na fachada atlântica da Península Ibérica, ou, mais adequadamente, no Centro e Sul de Portugal: as comunidades do fim do Calcolítico, imediatamente anteriores ao advento das sociedades, igualmente muito mal conhecidas, da Idade do Bronze Antigo”. Aliás, será talvez altura de colocar a questão sobre o que é que diferencia aquelas “comunidades” daquelas “sociedades”. Os rituais funerários? O acervo artefactual? A metalurgia? A implantação territorial ou o modo dessa implantação? Embora exista ainda e apenas esse conhecimento reduzido de que fala Victor Gonçalves, dele não parece resultar qualquer diferenciação, pelo que não será útil reflectir, antes, sobre a validade dos conceitos, que parecem vigorar, de Calcolítico Final e de Idade do Bronze Antigo no Sudoeste peninsular?

#### 4. Conclusões

O monumento Monte da Velha 1 (MV1), de aparelho ortostático constituído por lajes de xisto esverdeado, com câmara circular e corredor relativamente longo, poderá classificar-se como um pseudo-*tholos*, uma vez que lhe faltam alguns atributos dos *tholoi*, designadamente a cobertura da câmara por falsa cúpula pétrea e o seu uso como sepulcro colectivo. A cobertura do monumento, a ter existido, terá sido de materiais perecíveis, dos quais não restaram quaisquer vestígios. A presença de elementos votivos entre o espólio, a ausência de *tumulus* e o posicionamento do corredor, que termina em átrio virado a norte, abrindo-se, desse modo, a quem se aproximasse pelo acesso mais fácil, sugerem a atribuição de um carácter ritual à utilização do monumento pelos seus construtores (poderá ser considerado como um santuário), interpretação esta que tem sido sugerida para um primeiro momento de utilização de alguns *tholoi* (veja-se, por exemplo, Gallay & al., 1973). O espólio, cerâmico e lítico, associado a esta primeira utilização de MV1 permite atribuir-lhe uma cronologia do início do Calcolítico, isto é, dos finais do IV milénio ou dos inícios do III milénio a.C. Entre esse espólio deverá destacar-se um fragmento de placa de xisto verde, gravada nas duas faces, com uma decoração inédita neste tipo de artefacto ideotécnico, mas cujos motivos têm um paralelo próximo em arte rupestre gravada e/ou pintada no monumento de falsa cúpula da Granja de Toniñuelo (Bueno Ramírez & Balbín Behrmann, 1997).

Após esta primeira fase de utilização de MV1, algumas centenas de anos mais tarde, a câmara deste monumento serviu de local para um enterramento individual, com características que o permitem integrar no denominado Horizonte de Ferradeira. Para isso, aproveitando alguns esteios da câmara e uma laje de xisto, colocada de cutelo, foi delimitado *grosso modo* um espaço onde se procedeu à deposição, muito provavelmente em segunda inumação, de um indivíduo adulto de idade superior a 35/40 anos. Como dádivas funerárias registaram-se três vasos de cerâmica, metidos uns nos outros e protegidos por uma estrutura constituída por duas lajes de xisto, encostadas pelo topo e formando um ângulo agudo. Entre esses vasos, destaca-se um vaso campaniforme liso, com paralelos muito próximos nas dádivas funerárias da segunda fase de inumações do *tholos* do Monte do Outeiro (Schubart, 1965, 1971). Foi possível datar um fragmento de calote craniana, tendo-se obtido a data Beta-194027 3900±40 BP, a primeira para um contexto atribuível ao Horizonte de

Ferradeira. Deste modo, contextos deste tipo deverão integrar-se na charneira entre o Calcolítico e a Idade do Bronze do Sul de Portugal.

## Agradecimentos

Agradece-se, reconhecidamente, aos colegas António J. M. Silva e Ana Maria Duarte S. Gonçalves a amabilidade em me disponibilizarem os levantamentos topográficos e as plantas do contexto exterior a MV1, na sua vizinhança imediata, e que se encontram reproduzidos nas Figs. 3 e 4, com as necessárias adaptações. Agradece-se, também, ao Rui Monge Soares o tratamento digital da maior parte das imagens publicadas neste trabalho.

Os meus agradecimentos, igualmente, para as Doutoras Ana Maria Silva, Maria Teresa Ferreira e Eugénia Cunha, que tornaram possível, e a quem se deve, o estudo dos escassos restos ósseos do enterramento secundário de MV1, os quais se encontravam “perdidos” algures nas reservas do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, onde tinham sido por mim entregues no longínquo ano de 1976.

Por fim, o meu muito obrigado ao José Manuel dos Santos Paulino e a seu Pai, proprietários do olival onde MV1 se encontra implantado, que me autorizaram o estudo do monumento e têm velado pela sua conservação ao longo destes anos.

---

## NOTAS

- \* Laboratório de Radiocarbono, Instituto Tecnológico e Nuclear,  
Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém  
amsoares@itn.pt

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 41-60.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (1997) - Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Granja de Toniñuelo (Badajoz). *Brigantium*. La Coruña. 10, pp. 91-121.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. (1990-1992) - Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8-10, pp. 203-228.
- CARVALHOSA, A. B. (1968) - *Carta geológica de Portugal, na escala de 1:50000. Notícia explicativa da folha 44-CD - Vila Verde de Ficalho*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L.; FERREIRA, O. V. (1973) - *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GONÇALVES, V. S. (1988-1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 9-10, pp. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - *Sítios, «horizontes» e artefactos*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora): sinopse das intervenções de 1996-97 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 143-166.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 32).
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.

- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) - *Antas nas herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa.
- LEISNER, V.; PAÇO, A.; RIBEIRO, L. (1964) - *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- REIMER, P. J.; BAILLIE, M. G. L.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J. W.; BERTRAND, C. J. H.; BLACKWELL, P. G.; BUCK, C. E.; BURR, G. S.; CUTLER, K. B.; DAMON, P. E.; EDWARDS, R. L.; FAIRBANKS, R.; FRIEDRICH, M.; GUILDERSON, T. P.; HOGG, A. G.; HUGHEN, K. A.; KROMER, B.; McCORMAC, G.; MANNING, S.; BRONK RAMSEY, C.; REIMER, R. W.; REMMELE, S.; SOUTHON, J. R.; STUIVER, M.; TALAMO, S.; TAYLOR, F. W.; van der PLICHT, J.; WEYHENMEYER, C. E. (2004) - IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0-26 cal kyr BP. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 46:3, pp. 1029-1058.
- SCHUBART, H. (1965) - As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75, pp. 195-210.
- SCHUBART, H. (1971) - O horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81, pp. 179-272.
- SCHUBART, H. (2000) - La estratigrafia en la cima y en la ladera este del poblado: secuencia de los estratos y de las fases. In SCHUBART, H.; PINGEL, V.; ARTEAGA, O., eds. - *Fuente Álamo. Las excavaciones arqueológicas 1977-1991 en el poblado de la Edad del Bronce*. Sevilla: Junta de Andalucía, pp. 39-62.
- SCHUBART, H.; PINGEL, V.; KUNTER, M.; LETTOW-VORBECK, C. L.; POZO, M.; MEDINA, J. A.; CASAS, J.; TRESSERAS, J. J.; HÄGG, I. (2004) - Studien zu Grab 111 von Fuente Álamo (Almería). *Madridrer Mitteilungen*. Mainz. 45, pp. 57-146.
- SERRALHEIRO, A. S. C.; ANDRADE, R. F. (1961) - O monumento megalítico do Monte das Pereiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, pp. 503-515.
- SILVA, A. M.; FERREIRA, M. T.; CUNHA, E. (2008) - Os restos ósseos humanos recuperados do monumento megalítico do Monte da Velha 1 (MV1) em Vila Verde de Ficalho (Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 53-55.
- SOARES, A. M. M. (1994) - O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do Concelho de Serpa. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2.º vol., pp. 179-197.
- SOARES, A. M. M. (1999) - Megalitismo e cronologia absoluta. In BALBÍN BEHRMANN, R.; BUENO RAMÍREZ, P., eds. - *II Congreso de Arqueología Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, Tomo III, pp. 689-706.
- SOARES, A. M. M.; ARNAUD, J. M. (1984) - Escavações do sepulcro Megalítico MV 2 (V. V. Ficalho, Serpa). *Arquivo de Beja*. Beja. II Série. 1, pp. 67-82.
- SOARES, A. M. M.; CABRAL, J. M. P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3-4, pp. 217-235.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993) - Extended <sup>14</sup>C Data Base and Revised CALIB 3.0 Age Calibration. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 35:1, pp. 215-230.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. F.; FERREIRA, O. da V. (1960) - O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panóias). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 70, pp. 21-26.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; ANDRADE, R. F. (1961) - Um túmulo de “tipo alcalarenses” nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 51, pp. 247-260.
- VIANA, A.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRADE, R. F.; SERRALHEIRO, A.; FERREIRA, O. V. (1959) - Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Vol. I, pp. 197-213.
- WHITTLE, E. H.; ARNAUD, J. M. (1975) - Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in central Portugal. *Archaeometry*. Oxford. 17:1, pp. 5-24.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1967) - Acerca duma «tholos» encontrada em Castro Marim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 1, p. 11-17.

